

# A CASA DOS FRANCESES NO PROJETO DE ASSENTAMENTO BENFICA, ITUPIRANGA (PA): LÓCUS DE CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIAS E DIÁLOGOS ENTRE CAMPONESES E PESQUISADORES

---

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*<sup>1</sup>

## *Resumo*

Este artigo trata da reflexão sobre as identidades de grupos de pesquisa e suas epistemologias, simbolizadas, de um lado, por uma base de apoio construída no meio de um lote de pequeno criador de gado na Amazônia Oriental, em assentamento localizado no município de Itupiranga, tradicional produtor de castanha-do-pará, madeira e gado desde o início do século XX; de outro lado, pesquisadores e professores da Universidade Federal do Pará, em associação com pesquisadores de organismos nacionais e internacionais, desenvolveram práticas de pesquisa-ação em que se valorizam a relação direta e o uso dos lotes dos agricultores como laboratórios de pesquisa ou como lócus de suas atividades, sem que fosse construída qualquer estrutura específica para os pesquisadores. Nesta área, os assentamentos de reforma agrária foram implantados com intensidade, guardando peculiaridades nas suas formas de ocupação, da mesma forma que apresentando uma dinâmica reconhecida pelo processo de pecuarização na Amazônia. No caso do Projeto de Assentamento Benfica, sob debates e contradições, construiu-se uma casa que permitisse o abrigo de grupos de pesquisadores em longas estadas. O que significa esta casa no contexto da elaboração de metodologias dialógicas entre camponeses e cientistas na área de fronteira? Esta é a pergunta que move a reflexão deste artigo.

---

1 Professor associado da Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: gguerra@ufpa.br.

**Palavras-chave:** Pesquisa-ação. Métodos de pesquisa. Identidade. Campo científico.

### *Abstract*

It regards a reflection on the identities of research groups and their symbolizing epistemologies, from one side, as a support base, built in the middle of a small cattle ranch in Eastern Amazonia, in settlement located in the municipality of *Itupiranga*, traditional producer of Brazil-nuts, timber and cattle since the early twentieth century. On the other hand, researchers and professors of the Federal University of *Pará* in association with researchers from national and international organizations have developed practical action research that values the direct relationship and the use of farmers' lots as research laboratories or as the locus of their activities, without having to build any specific structure to the researchers. In this area in which the land for settlement reform was intensely established, considering its peculiarities in their forms of occupation, the same way when presenting a recognized dynamic ranching process in Amazonia. In the case of the *Benfica* Settlement Project, under debates and contradictions, a home was established to shelter research groups during long stays. What does this home mean in the context of developing dialogical methodologies between farmers and scientists in the border area? This is the question that moves the reflection of this essay.

**Keywords:** Action research. Research methods. Identity. Scientific field.

## COOPERAÇÕES FRANCO-BRASILEIRAS

Os interesses da França no Brasil são diversos, antigos e declarados. As primeiras tentativas de expansão territorial estão firmadas em registros de combates militares no Rio de Janeiro e no Maranhão, no século XVII, assim como incursões científicas foram realizadas em todo o território brasileiro ao longo de sua história, em muitos casos por encomenda dos governos coloniais, imperiais e republicanos. A ocupação napoleônica em território português e o transporte das obras de Alexandre Rodrigues Ferreira para o Museu de História Natural, em Paris, é um dos eventos demonstrativos desses interesses. No Rio de Janeiro, em 1816, uma missão francesa ficou registrada com a construção de um edifício, o primeiro de estilo neoclássico da cidade (Goldberg, 2005, p. 44).

Na Amazônia, registrou-se a presença de naturalistas e estudiosos em diversos períodos da história da região, e, mais recentemente, desde o final dos anos 1980, quando se instalou o Centro Agroambiental do Tocantins, em Marabá. Da relação de estudiosos franceses com brasileiros, o Institut de Recherche pour le Développement (IRD) construiu uma casa que serviu de apoio aos pesquisadores franco-brasileiros em um assentamento de reforma agrária conhecido como Benfica, no município de Itupiranga (PA).

## CASA DOS FRANCESES NO PASTO DOS CAMPONESES

Localizado a 122 km da sede municipal de Marabá e a 74 km da sede de Itupiranga (Santos e Mitja, 2011, p. 920), o assentamento Benfica é uma área de ocupação recente, com 183 lotes com áreas variando entre 25 e 110 hectares. Seu processo de constituição ocorreu sobre uma fazenda denominada Santa Izabel e teve distinção quanto ao histórico de divisão dos lotes em áreas conhecidas como “dos pequenos fazendeiros”, dos 300, dos 900 e dos 100. A área dos pequenos fazendeiros foi produto de uma partilha entre familiares de dois patriarcas que adquiriram as áreas e as dividiram entre seus filhos. As outras se referem ao tamanho das áreas ocupadas em alqueires (unidade de medida correspondente a 4,8 hectares).

O deslocamento para o assentamento pode ser feito por três caminhos. O primeiro, pela rodovia Transamazônica na direção Marabá-Itupiranga. Entra-se à esquerda, no km 46, em direção à localidade conhecida como Lastância, até chegar à vila Santa Izabel. Outro percurso é pela estrada da vila Santa Fé, entrando-se à esquerda do km 9 da Transamazônica em direção à localidade denominada Brejo do Meio, prosseguindo-se até a vila Santa Fé e depois entrando à direita para a vila Santa Isabel.

Construída em 1996 para apoiar as atividades de parceria entre o Laboratório Socioagrônomo do Tocantins (Lasat), da UFPA, e o Institut de Recherche pour le Développement (IRD), no lote do senhor Meleto, a chamada Casa dos Franceses é um emblema das relações franco-brasileiras na Amazônia Oriental. Localiza-se a dois km do povoado de Santa Izabel, constituído de aproximadamente 60 casas. A população se refere à localidade como “*Os pé de coco*” por conta de alguns<sup>2</sup> coqueiros (*Cocus*

2 Segundo o senhor Izidoro, ele plantou oito coqueiros em 1976, dos quais seis são sobreviventes e servem de referência ao povoado.

*nucifera*, L) plantados pelo senhor Izidoro Lobo da Silva, morador mais antigo do lugarejo. A casa acolheu pesquisadores dos dois países que atuam em parceria nas áreas de pesquisas em solos, ecologia e desenvolvimento rural. Representa e reproduz um tipo de pesquisa em que o pesquisador se mantém autônomo e pretensamente neutro em relação ao movimento social, embora fricção com ele e sofra influências frequentes, sobretudo das organizações camponesas ou organismos de apoio aos camponeses.

Erigida em tijolos e cimento, coberta de telhas de barro, a casa possui 108 m<sup>2</sup>, sendo 9 m x 12 m de área construída, em cima de um platô de onde domina a paisagem. Parte da casa, fechada com paredes, portas, janelas e treliças de madeira, corresponde a 81 m<sup>2</sup>. Para evitar os ventos fortes e as temperaturas mais baixas da noite, um plástico reveste externamente a parte destinada aos dormitórios (foto 1). Dois postes de madeira se encontram na lateral, embora não tenham serventia. Foram colocados para servirem de suporte a antenas quando da tentativa de instalação de linha telefônica. Por discordância do Sindicato de Trabalhadores Rurais e da Associação de Produtores do Projeto de Assentamento quanto à localização do equipamento, a instalação não se efetivou. As organizações camponesas pleiteavam que o telefone fosse instalado na sede da entidade, no povoado, o que não foi aceito pelos pesquisadores, que alegavam falta de segurança para o equipamento durante a noite. De fato, placas de energia solar, colocadas para funcionamento noturno da escola localizada ao lado desta sede, teriam sido roubadas dias depois da instalação, conforme informações colhidas no povoado.

No teto da Casa dos Franceses pode-se ver uma placa de energia solar que funciona para girar um motor, responsável pelo abastecimento de água e o fornecimento de energia para iluminação noturna.

Uma varanda de 27 m<sup>2</sup> (3 m x 9 m) estende-se na parte lateral do imóvel, voltada para oeste, permitindo uma visão dos pastos contíguos ao terreno e de matas secundárias ao longe (figura 2). A paisagem é predominantemente de pastos, seja a partir da varanda ou de qualquer outra parte da casa, seja a partir das estradas e caminhos de onde se pode avistar a base de pesquisa (foto 3). Em primeiro plano, qualquer visão tomba sobre o estabelecimento do senhor Meleto, oferecendo a paisagem de pastos ou de matas. Nos pastos pode-se identificar, além de gramíneas, ervas de outras famílias e incidência de babaçu (*Orbignya phalerata*, Mart.). Na foto 2 vê-se uma aboboreira (*Cucurbita* spp), vegetação típica do monturo, área de influência da residência onde se jogam restos de cozinha, favorecendo o crescimento de plantas como esta, ou a pimenteira (*Capsicum* spp) e o tomateiro (*Lycopersicum* spp).

**Foto 1 – Vista da Casa dos Franceses no PA Benfica, Itupiranga (PA)**



O que se pretende neste artigo é refletir acerca da construção de espaços institucionais em áreas residenciais rurais, ainda que temporários, e dos significados que uma residência rural estranha àquele ambiente – de pesquisadores, universitários e professores nacionais e estrangeiros – pode suscitar.

**Foto 2 – Vista do amanhecer no PA Benfica a partir da varanda da Casa dos Franceses**



Foto 3 – Casa dos Franceses no PA Benfica e pastos predominantes segundo vista da estrada



A casa tem o piso cimentado. Suas instalações são rústicas e operacionais. Em uma sala em forma de *ele (L)*, os pesquisadores se acolhem em redes para dormir durante a noite. Existem camas e colchões, mas as redes são preferidas por questões de higiene e proteção contra insetos e roedores. Este aspecto da proteção merece um comentário específico porque é uma sinalização da clara distinção que fazem os universitários sobre a insalubridade do meio rural, em particular das casas e do modo de vida camponês, conforme se pode ter como referência o estudo de Brinceño-Léon (1990). É também uma forma de distinção cultural, afirmada no prefácio do livro acima referido por Arnaldo Gabaldon:

(...) un alemán o un sueco metido en el llano, aun cuando este, por decirlo, botado allí, lo que haría con de vivienda con los materiales de que dispone en ese ambiente no resultaría un rancho, porque sencillamente su cultura lo lleva a constituir algo diferente y mejor (Gabaldón *apud* Brinceño-León, 1990).

Há uma cozinha completa em formato de U, perpendicular a um dos lados da sala anteriormente descrita. O quadrado da casa se completa por um banheiro e um quarto que serve para guardar materiais. Os pesquisadores

fazem as refeições e o tratamento do material recolhido para as pesquisas em uma grande mesa de madeira disponível na varanda, ao fundo. Uma mesa menor serve de apoio na cozinha, juntamente com um fogão, prateleiras de madeira e uma pia. Na sala, uma grande caixa de madeira (2 m x 1 m x 1 m) serve para guardar os mantimentos dos quais os grupos de pesquisa se aprovisionam, adquiridos em compras feitas em Marabá antes de cada expedição.

A vizinhança é de poucas casas, sendo a do próprio dono do lote, localizada a uns 50 metros do abrigo dos pesquisadores; outro vizinho, na baixada, tinha a sua habitação e área produtiva, tendo cedido área para a instalação de um experimento dos pesquisadores do IRD (foto 4).

**Foto 4 – Casa de um dos agricultores vizinhos**



Mantida sob a guarda de um camponês experiente, assalariado para este fim, o alojamento é visto pela população local com admiração, dando a impressão de ser um palacete se comparado às habitações nativas: a bomba d'água movida a energia solar, a água encanada e, sobretudo, os veículos oficiais ou bancados por projetos de pesquisa, que permitem acesso e autonomia aos pesquisadores, são distintivos da categoria profissional que faz uso desta área.

Embora tratado aqui como alojamento, no povoado a casa é vista e identificada como a Casa dos Franceses, atribuindo-lhe uma identidade

estrangeira, em que pesem as equipes de pesquisa serem mistas, compostas por brasileiros e franceses. Evocando o trabalho de Damatta (1991) – em que desenvolve a tese de que as representações sobre a casa, a rua e o outro mundo em aglomerações urbanas brasileiras –, a casa dos pesquisadores mantém uma distância física do povoado, distingue-se da residência do proprietário do lote e circunscreve um campo restrito da pesquisa como um espaço reservado a pessoas qualificadas para um tipo de atividade hermética aos camponeses. O debate sobre a pesquisa participante se distancia, neste caso, pelo fato de um suposto isolamento que permitiria o controle dos fatores que pudessem enviesar os resultados das observações. A manifesta intenção dos pesquisadores quando da construção da casa foi a de não onerar o espaço familiar com uma atividade profissional distinta, inserindo no mundo doméstico uma atividade científica cuja distinção é reforçada por eles.

A proximidade com os agricultores é negociada com a inserção de experimentos em seus lotes, ainda que toda a lógica de gestão e acompanhamento seja de responsabilidade dos pesquisadores. Nenhuma intervenção dos moradores é feita na escolha da área, nem do que venha a ser pesquisado, nem tampouco, como era de se esperar, dos tratamentos estatísticos.

**Foto 5 – Experimento com cega jumento, arachis e leucena em lote de agricultor no PA Benfica**





É comum a presença de instrumentos de pesquisa que identificam o grupo, como um pluviômetro nas proximidades da casa e do curral do anfitrião (foto 6). O que define o comportamento dos pesquisadores, entretanto, é o cotidiano – ou ao menos o cotidiano durante o período das expedições –, em que fazem aferições, anotações e leituras, com o distanciamento recomendado nos manuais de pesquisa e nas reflexões sobre a vigilância epistemológica que garanta a isenção dos dados e análises.

**Foto 6 – Pluviômetros, estacionamento e curral do senhor Meleto ao fundo**



A casa representa o espaço de alojamento autônomo dos pesquisadores, mas também uma visão de pesquisa questionada pelos pesquisadores lotados no Lasat, uma vez que assume um distanciamento entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa, pressupondo uma suposta neutralidade científica. Na perspectiva do Lasat, a vivência com os agricultores, na casa ou no lote, estreitando-se a relação com eles e convivendo com suas dificuldades do cotidiano, mesmo sendo arriscado para a saúde e constrangedor em alguns aspectos diferenciais – como condições de higiene, tipo de alimentação, hábitos e costumes locais –, permite a percepção de sua cultura e favorece o processo de construção conjunta e interação de saberes. O isolamento espacial dos pesquisadores, mesmo mantida uma proximidade física, dificulta e embota a visão que se pretendia ter das lógicas de funcionamento dos estabelecimentos agrícolas e comunidades rurais. Uma reflexão que pode ser feita é que os pesquisadores, vindos de longe, de outras partes do

país ou do exterior, permanecem estrangeiros ao assumir a segregação em face dos camponeses.

Na perspectiva dos pesquisadores do Lasat, a proximidade física e a moradia nas mesmas condições que as dos agricultores poderiam ampliar não apenas a interação, mas, igualmente, a percepção dos pesquisadores quanto ao estilo de vida dos camponeses familiares. Assumem, nesse particular, uma postura de reconhecimento de que tanto o distanciamento quanto o engajamento devem ser assumidos, uma vez que são inevitáveis aos procedimentos de pesquisa (Elias, 1993), principalmente quando se trata da produção de conhecimento para apropriação pelos segmentos sociais com os quais estejam comprometidos.

Se a construção e o mobiliário da Casa dos Franceses são rústicos, destoam das habitações locais por utilizar tecnologia e processo construtivo diferenciado (tijolo e cimento), com reboco e pintura. Os equipamentos utilizados pelos pesquisadores são comuns para as operações cotidianas da cozinha e, à noite, dormindo em redes, se protegem com mosquiteiros (foto 8) do ataque de insetos portadores de endemias, ilustrando o que apresenta Brinceño-Léon (1990) em seu clássico estudo sobre a doença de Chagas na Venezuela.

**Foto 7 – Casa dos Franceses no PA Benfica com visão da varanda**



A localização da casa, no alto da elevação, implica a necessidade de um tipo de bomba que permita extrair a água para o consumo diário, o que é feito articulado à utilização de placas de energia solar. Para o volume de líquido consumido, a demanda atende aos grupos de pesquisadores que ali se têm abrigado.

**Foto 8 – Pesquisadores dormindo na Casa dos Franceses**



A adaptação dos pesquisadores para descansarem em redes de dormir (foto 6) se dá com relativa tranquilidade, em que pese a queixa de alguns sobre o desconforto provocado por este equipamento. Os móveis são improvisados e, dado o caráter provisório e de excursão, os pesquisadores se organizam precariamente, valorizando, porém, o aspecto da segurança que têm de seus apetrechos bem guardados.

A cozinha e a dispensa são equipadas de forma simples, com exposição da maioria dos utensílios domésticos em prateleiras, o que favorece encontrá-los e acessá-los com facilidade. O fato de ficarem expostos (foto 7) se, por um lado, os deixa sujeitos à poeira e à ação de insetos e roedores, por outro permite que se lhes controle estes ataques pelo fato de que estão disponíveis e inibe estes mesmos animais da atividade

contaminante. Ademais, é uma forma de exposição e sinalização para a desmitificação de possíveis interpretações que lhes associe à sofisticação e atice a cobiça dos que lhes tenham aversão ou contradições. Deve-se ressaltar, entretanto, que na zona rural, em que as casas são isoladas no lote e cercadas de pastagens e pomares, a circulação de estranhos é limitada e a segurança é efetiva. Não houve registro de roubo de material até o momento desta pesquisa.

**Foto 9 – Interior da Casa dos Franceses, com o senhor Deurival na copa e cozinha**



Para o preparo da alimentação, um fogão a gás, com quatro bocas, é o equipamento utilizado na casa. Quando a equipe é numerosa, esta atividade é feita por uma senhora contratada com a finalidade de preparar a comida e lavar as louças e talheres. Quando o número de pessoas é reduzido, o próprio grupo se organiza e dá conta da tarefa, improvisando-se com a preparação de refeições simples e com ingredientes apropriados à situação.

Foto 10 – Vista frontal da casa com pluviômetros e, no teto, placa de energia solar



## O QUE REPRESENTA A CASA DOS PESQUISADORES NO CONTEXTO DA TRANSAMAZÔNICA

As distinções casa, rua, este e outro mundo, tão caras à Antropologia desenvolvida por Roberto Damatta (1991), no caso deste artigo podem ser traduzidas pela oposição entre estrangeiros e locais, complexificadas pelas características dos espaços habitacionais que têm a marca da preservação das identidades de cada uma das categorias que se diferenciam pelo estilo de vida, interesses imediatos, origens, escolaridade e profissão. Pode-se entender como locais tanto os pecuaristas e agricultores familiares como os pesquisadores nacionais que adotam a prática de convivência com os produtores, em suas próprias casas, como procedimento de compreensão da realidade, do funcionamento dos estabelecimentos agropecuários e da vida cotidiana dos camponeses. Podemos ousar dizendo que, no diálogo com as literaturas antropológica e sociológica que buscam entender a sociedade brasileira, a Casa dos Franceses foi uma experiência que permitiu

uma representação de um tipo de pesquisa que, embora engajada no sentido de que os seus protagonistas estavam presentes no campo, em relação aos agricultores e criadores, não pretendiam fazer uma pesquisa de caráter participante, nem que os camponeses se apropriassem e utilizassem imediatamente os resultados dos seus estudos. Reconheciam e mantinham sob seu controle o tempo de maturação dos resultados de pesquisa.

Seguindo esta linha de reflexão, consideramos que a Casa dos Franceses representa um outro mundo, o campo da pesquisa científica – distinto – por sua lógica interna e pela diferença com outros campos (Bourdieu, 1976) em particular, neste caso, com o campo político sindical e o da produção familiar camponesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrando as contradições que afluíam nos discursos de pesquisadores do Laboratório Socioagronômico do Tocantins, em Marabá, e do Institut de Recherche pour le Développement (IRD), verifica-se que há um questionamento básico: até onde deve ir o comprometimento social e político da pesquisa que, não se encerrando nela mesma enquanto atividade profissional, está prenhe de relações sociais? Envolvendo pesquisadores de formações distintas, chocam-se concepções de pesquisa antropológica, sociológica e do campo das ciências naturais no que concerne ao grau de envolvimento dos pesquisadores com os camponeses e suas organizações.

No caso estudado, ficou evidenciado o desejo das organizações camponesas em ter o controle de todos os benefícios diretos e indiretos da pesquisa, acirrando-se e afluindo conflitos em situações colaterais, mas de importância simbólica para ambos os lados, como no caso do posto telefônico, inviabilizado por um debate sobre o uso restrito ou coletivo na comunidade onde seria instalado. A tentativa de negociação frustrou-se, e esgotaram-se rapidamente as possibilidades de instalação de um posto de comunicação na localidade. Este fato, e outros que se seguiram, distanciou o grupo de pesquisa das organizações camponesas naquela localidade, restringindo as relações entre pesquisadores nacionais e estrangeiros nas *démarches* de pesquisa na região.

Continua em aberto a reflexão sobre práticas de construção do conhecimento envolvendo atores de natureza diferenciada e do controle e autonomia que cada um deva ter sobre a produção científica em áreas de assentamento.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU P. Le champ scientifique, in: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2, n. 2-3, jun. 1976. *La production de l'idéologie dominante*, p. 88-104. Disponível em: <[www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1976\\_num\\_2\\_2\\_3454](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1976_num_2_2_3454)>. Acesso: 14 jan. 2014.
- BRICEÑO-LEÓN, R. *La casa enferma: Sociología de la enfermedad de Chagas*. Caracas: Fondo Editorial Acta Científica de Venezuela y Consorcio de Ediciones Capriles C., 1990.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- ELIAS, N. *Engagement et distanciation*. Paris: Fayard, 1993.
- GOLDBERG, S. Uma debutante com quase dois séculos de história. *Tam Magazine*. São Paulo, v. 2, n. 13, p. 44-49, março de 2005.
- SANTOS, A. M. dos; MITJA, D. Pastagens arborizadas no Projeto de Assentamento Benfica, município de Itupiranga, Pará, Brasil. *Revista Árvore*. Viçosa, v. 35, n. 4, 2011, p. 919-930.

